

NOVO ÊXODO PORTUGUÊS

CAUSAS E
SOLUÇÕES

Pedro Teixeira

Prefácio de
António Costa



VidaEconómica

ÍNDICE GERAL

Lista de figuras.....	15
Prefácio	21
Resumo	27
Abstract.....	31

1 - Introdução

1.1 Considerações gerais e enquadramento	35
1.2 Objetivos	46
1.3 Organização do ensaio	46
1.4 O autor, Pedro Miguel Fernandes Teixeira	48

2 - Diagnóstico

2.1 Enquadramento	51
2.2 Evolução demográfica de Portugal no século XXI	52
2.3 Projeções demográficas para Portugal em 2060	56
2.4 Tipos de migrações	59
2.5 Os números da emigração.....	62
2.6 Os números da emigração jovem em Portugal	67
2.7 A emigração jovem é um fenómeno exclusivamente nacional?	69
2.8 Taxas de emigração no Mundo	71

2.9 O saldo migratório português	74
2.10 Fuga de cérebros ou mobilidade?	78
2.11 Causas possíveis para o novo êxodo português.....	80
2.11.1 Pobreza e desigualdades sociais	82
2.11.2 Relação entre a evolução do PIB <i>per capita</i> e o saldo migratório	86
2.11.3 Relação entre a evolução do saldo migratório e a taxa de desemprego.....	87
2.11.4 Evolução do número de empresas, pessoal ao serviço e volume de negócios	89
2.11.5 Evolução da carga fiscal em percentagem do PIB....	90
2.11.6 Peso do Estado em termos de emprego público no emprego total	91
2.11.7 O drama da juventude sem emprego.....	92
2.11.8 Elevadas dívidas pública e privada.....	94
2.12 Consequências deste fluxo migratório	96
2.12.1 Consequências sociais.....	96
2.12.2 Consequências económicas	97
2.13 Deve este fluxo migratório ser contrariado?	100
3 - Questionário realizado a emigrantes portugueses	
3.1 Introdução	107
3.2 O questionário.....	107
3.3 Resultados estatísticos obtidos.....	112
3.3.1 População, amostra e nota técnica	112
3.3.2 Distribuição da amostra por sexo	112
3.3.3 Distribuição da amostra por idade	113
3.3.4 Distribuição da amostra por sector de atividade...	114
3.3.5 Distribuição da amostra em função do estado civil...	114

ÍNDICE

3.3.6 Distribuição da amostra por número de filhos	115
3.3.7 Distribuição da amostra por continente	116
3.3.8 Distribuição da amostra por país	116
3.3.9 Distribuição da amostra por data de emigração	117
3.3.10 Distribuição da amostra segundo a taxa de novos emigrantes que tinham família ou amigos no país de destino quando saíram de Portugal	118
3.3.11 Distribuição da amostra pelas razões que motivaram a emigração.....	118
3.3.12 Distribuição da amostra por aqueles que gostariam ou não de regressar a Portugal.....	127
3.3.13 Distribuição da amostra segundo a quantificação da vontade de regressar a Portugal	128
3.3.14 Distribuição da amostra pelas perspetivas temporais de regresso a Portugal.....	129
3.3.15 Razões que motivam (ou motivariam) a um regresso a Portugal	130
3.3.16 Distribuição da amostra em função do planeamento para regressar a Portugal.....	132
3.3.17 Distribuição da amostra em função da ocupação a ter no eventual regresso a Portugal.....	133
3.3.18 Distribuição da amostra em função da relação a manter com o país de acolhimento em caso de regresso a Portugal.....	134
3.3.19 Distribuição da amostra em função das áreas de intervenção prioritárias para contribuírem para o regresso dos emigrantes a Portugal.....	135
3.3.20 Distribuição da amostra em função do tipo de investimento preferencial dos emigrantes em Portugal	136

3.3.21 Distribuição da amostra em função do salário de que os emigrantes abdicariam caso tivessem uma boa oportunidade para regressar a Portugal....	137
3.3.22 Distribuição da amostra em função da naturalidade	138
4 - Conclusões	
4.1 Conclusões	139
4.2 Objetivos específicos a atingir	150
4.3 Medidas propostas pelos principais intervenientes políticos	153
4.3.1 Governo de Portugal.....	153
4.3.2 Coligação PSD - CDS/PP	155
4.3.3 Partido Socialista.....	155
4.3.3.1 Agenda para a década	156
4.3.3.2 Programa Eleitoral	156
5 - Plano de ação	
5.1 Considerações gerais.....	161
5.2 Modelo de hierarquização da atração de cidadãos para outro país.....	162
5.3 Criação do Estatuto dos Cidadãos Nacionais Emigrantes Regressados a Portugal (ECNERP)	164
5.4 Benefícios fiscais para os cidadãos com ECNERP.....	167
5.4.1 Redução do IRS.....	167
5.4.2 Redução do IRC.....	168
5.4.3 Redução do IMT	170
5.4.4 Redução do IA/ISV	170
5.5 Políticas de apoio à integração dos cidadãos com ECNERP em Portugal	171

5.5.1 Apoio durante a fase de transição e no acesso ao mercado de trabalho do cônjuge ou companheiro(a)	171
5.5.2 Apoio no acesso ao Ensino em Portugal.....	171
5.5.3 Isenção de taxas moderadoras no SNS	172
5.5.4 Criação de um balcão de apoio aos cidadãos emigrantes.....	172
5.6 Combate à corrupção	173
5.6.1 Introdução.....	173
5.6.2 Medidas para reduzir a corrupção.....	175
5.6.3 Um exemplo onde Portugal poderia ter feito muito melhor	177
5.7 Melhorar a comunicação com a diáspora e reorganizar os serviços.....	179
5.7.1 Reorganização de serviços e fusão de <i>site</i>	179
5.7.2 Criar o Programa “Um emigrante português, um embaixador de Portugal”	184
5.8 Políticas de apoio à diáspora e estímulo à participação cívica.....	185
5.8.1 Voto eletrónico universal e obrigatório.....	185
5.8.2 Implementação da “Casa de Portugal” nas principais cidades de acolhimento de emigrantes portugueses	189
5.8.3 Melhoria do associativismo português	191
5.9 Políticas para captação de poupanças e investimento em Portugal	192
5.10 Políticas de estímulo à competitividade	195
5.11 Políticas de estímulo ao emprego	198
5.12 Políticas de aumento do bem-estar coletivo	202

5.13 Via alternativa para equilibrar o saldo migratório negativo e os problemas demográficos	203
5.13.1 A crise dos migrantes – uma palavra de solidariedade.....	203
5.13.2 Uma outra via	204
5.13.3 O Mundo necessita de um renovado modelo de governação global	205
6 – Bibliografia	207

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Descobrimientos, viagens e explorações portuguesas – datas e primeiros locais de chegada de 1415-1543; territórios portugueses no reinado de D. João III.

Fig. 2: A evolução da emigração portuguesa, 1900-2005.

Fig. 3: Pirâmide etária em Portugal nos censos de 2001 e de 2011.

Fig. 4: Síntese de indicadores demográficos em Portugal entre 2001 e 2011, incluindo o saldo migratório, em número de cidadãos.

Fig.5: Projeções do INE para a população total portuguesa em 2060 em 4 cenários e comparação com 2012.

Fig. 6: Pirâmide etária em Portugal em 2013 e projeção para a pirâmide etária em Portugal para 2060, segundo dados do INE.

Fig. 7: Projeções para a população portuguesa em 2060 e comparação com a atual, em 2013.

Fig. 8: Evolução da população emigrada entre 1960 e 2010.

Fig. 9: Distribuição geográfica da população portuguesa emigrada em 2010.

Fig. 10: Número de emigrantes, total e por tipo, desde 1960 a 2014, segundo dados do INE.

Fig. 11: Proporção de jovens dos 15 aos 29 anos no total da população residente, em 1960 e 2001, 2011 e projeção para 2020.

Fig. 12: Emigrantes permanentes e temporários, jovens e total, em Portugal, em 2011 e 2012.

Fig. 13: Taxas de emigração por país, em 2010. Portugal agravou a sua situação desde então.

Fig. 14: Remessas recebidas por país, em 2012, em milhões de dólares.

Fig. 15: Taxa de crescimento migratório, natural e efetivo desde 1941 até 2011.

Fig. 16: Saldo natural e suas componentes entre 2004 e 2014.

Fig. 17: Saldo migratório e suas componentes entre 2004 e 2014.

Fig. 18: Variação populacional e suas componentes, Portugal, 2003-2013.

Fig. 19: Proporção de graduados com o ensino superior que emigram para outros países da OCDE, em 2000-2001.

Fig. 20: Segundo a OCDE, a diferença entre os 40% mais pobres e os 10% mais ricos continua a agravar-se.

Fig. 21: Um rico tem rendimentos muito superiores a dezenas de pobres.

Fig. 22: Distribuição da pobreza por faixa etária.

Fig. 23: Disparidade entre ricos e pobres na OCDE, em 2012.

Fig. 24: Evolução e comparação entre o PIB *per capita* e o saldo migratório portugueses nos últimos 20 anos.

Fig. 25: Evolução e comparação entre o saldo migratório português e a taxa de desemprego, nos últimos 20 anos, em Portugal. A simetria entre as variáveis é claramente visível.

Fig. 26: Principais indicadores económicos das empresas em Portugal entre 2010 e 2013, com ênfase para o período 2012-2013.

Fig. 27: Evolução da carga fiscal em Portugal de 1995 a 2014, em percentagem do PIB.

Fig. 28: Percentagem do emprego público no emprego total em 2013, segundo a OCDE.

Fig. 29: População entre os 18 e os 24 anos que não completou a ensino secundário e que não está inscrita no sistema de educação e formação, em 2012.

Fig. 30: Evolução da dívida pública portuguesa nos últimos 20 anos, em percentagem do PIB .

Fig. 31: Dívida pública em percentagem do PIB em vários países da União Europeia.

Fig. 32: Remessas dos migrantes em Portugal em 2012, 2013 e 2014, segundo dados do Banco de Portugal, em milhões de euros.

Fig. 33: Comparação entre o PIB, o número de novos emigrantes, o saldo das remessas de emigrantes/imigrantes e o rácio entre o saldo das remessas e o PIB portugueses, em 2012, 2013 e 2014.

Fig. 34: Remessas creditadas em Portugal por cada novo emigrante, em euros.

Fig. 35: Mapa da Península Ibérica e respetivas densidades populacionais por regiões, em 2001.

Fig. 36: Densidade populacional em Portugal, em 2011.

Fig. 37: Questionário preparado pelo autor ao qual responderam 165 emigrantes de 25 países.

Fig. 38: Distribuição da amostra por sexo.

Fig. 39: Distribuição da amostra por faixas etárias.

Fig. 40: Distribuição da amostra por setor de atividade.

Fig. 41: Distribuição da amostra por estado civil.

Fig. 42: Distribuição da amostra pelo número de filhos.

Fig. 43: Distribuição da amostra em função do continente onde residem atualmente os emigrantes inquiridos.

Fig. 44: Distribuição da amostra em função do país de residência dos emigrantes inquiridos.

Fig. 45: Distribuição da amostra em função do número de novos emigrantes em cada ano.

Fig. 46: Distribuição da amostra segundo a taxa de novos emigrantes que tinham família ou amigos no país de destino quando saíram de Portugal.

Fig. 47: Distribuição da amostra em função da vontade de regressar a Portugal.

Fig. 48: Quantificação da vontade de regressar a Portugal por parte dos inquiridos.

Fig. 49: Previsão dos inquiridos sobre quando preveem voltar a residir em Portugal.

Fig. 50: Principais razões identificadas que motivam ou motivariam os emigrantes a regressar a Portugal.

Fig. 51: Distribuição da amostra em função da preparação ou planeamento para o regresso a Portugal.

Fig. 52: Distribuição da amostra em função da ocupação que os emigrantes pensam vir a ter quando do seu regresso a Portugal.

Fig. 53: Distribuição da amostra em função da vontade de manter uma ligação ao país de acolhimento após o eventual regresso a Portugal.

Fig. 54: Distribuição da amostra em função das áreas de intervenção consideradas mais importantes e eficazes no sentido de contribuírem para o regresso dos emigrantes a Portugal.

Fig. 55: Distribuição da amostra em função das áreas de investimento preferenciais dos emigrantes em Portugal.

Fig. 56: Distribuição da amostra em função da percentagem do salário de que os emigrantes estariam dispostos a abdicar para regressar a Portugal.

Fig. 57: Distribuição da amostra em função da naturalidade dos inquiridos, agrupada por regiões.

Fig. 58: O ciclo PDCA – *Plan, Do, Check and Act*

Fig. 59: Saldo migratório, Portugal, 1992-2060 (estimado e hipóteses).

Fig. 60: Plano estratégico para as migrações 2015-2020, Eixo V – políticas de incentivo, acompanhamento e apoio ao regresso de cidadãos nacionais emigrantes.

Fig. 61: Modelo desenvolvido pelo autor para hierarquizar a atração de emigrantes para os países de destino / potencial acolhimento.

Fig. 62: Comparação entre Portugal e a União Europeia no que diz respeito à opinião da população sobre a disseminação da corrupção em Portugal quando comparada com o mínimo, a média e o máximo na UE.

Fig. 63: Comparação entre Portugal e a União Europeia no que diz respeito aos esforços governamentais no combate à corrupção e os resultados efetivos dessa corrupção.

Fig. 64: Sítio das comunidades portuguesas, gerido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, a 15-08-2015.

Fig. 65: Sítio do Alto Comissariado para as Migrações, a 15-08-2015.

Fig. 66: Sítio do Conselho da Diáspora Portuguesa, a 15-08-2015.

Fig. 67: Sítio do Observatório das Migrações, a 15-08-2015.

Fig. 68: Mapa mundial com os países com voto eletrónico implementado ou em curso.

Fig. 69: Simulador de voto eletrónico, na cidade de Buenos Aires, Argentina.

Fig. 70: Mapa do projeto de expansão da plataforma continental portuguesa, Atlas do EMEPC, 24-04-2014.

Fig. 71: O novo espaço marítimo mundial, em maio de 2014, segundo a estrutura de missão para a extensão da plataforma continental portuguesa (EMEPC).

PREFÁCIO

A história da migração humana é relativamente recente. Após 200 000 anos confinada ao continente africano, só há 50 000 anos a humanidade começou a circular pelo Mundo, num complexo trajeto que a análise genética hoje permite reconstruir. De África para a Oceânia, da Oceânia para a Ásia, da Ásia até à Europa... a humanidade foi migrando e ocupando o globo. Processo lento que só em raros momentos pôde ser percecionada pelos contemporâneos. Para se ter uma noção, só há 40 000 anos o ser humano chegou à Europa, o que significa que esta primeira viagem demorou 10 000 anos..., cinco vezes a era cristã.

A migração é, por isso, um fenómeno permanente do ser humano, que barreiras geográficas ou fronteiras políticas, mais ou menos policiadas, podem procurar regular, mas que é um movimento tão natural como a rotação da Terra, sendo a liberdade de circulação a liberdade natural do reconhecimento de que todos os homens nascem livres e iguais.

A história portuguesa é, em grande medida, a história de um povo andarilho, que há 600 anos começou a partir e, desde então, partiu muitas vezes, como cruzado, descobridor, colonizador, refugiado religioso ou político, emigrante, retornado.

Como “há mar e mar / há ir e voltar”, nos últimos 30 anos, a percepção nacional do fenómeno tem mudado com uma volatilidade

impressionante. Em 1986, a liberdade de circulação foi o maior benefício então percebido da adesão à CEE, como a garantia de estabilidade e de não expulsão dos portugueses emigrados desde os anos 60 em França ou na Alemanha. Nos anos seguintes, marcados pelo forte crescimento que os fundos comunitários impulsionaram, em particular na construção, fomos aprendendo que emigração também se escrevia como imigração, acolhendo os cabo-verdianos, os brasileiros, os “russos”, como genericamente designámos os moldavos, ucranianos e outros originários do Leste Europeu que nos escolheram como destino. Foi a época triste em que ainda ensaiámos – com o parolismo próprio dos novos-ricos – as políticas de perseguição migratória, impedindo os dentistas brasileiros de trabalhar, limitando a legislação sobre o asilo, agilizando as expulsões de imigrantes, fechando as portas a Vuvu Grace e sua filha Bernardette e convocando de urgência reuniões do Conselho de Segurança Interna para travar a “invasão das prostitutas brasileiras”...

O fim do cavaquismo travou este delírio e permitiu a Portugal construir políticas migratórias que têm sido reconhecidas pelas Nações Unidas como exemplo de boas práticas e que, felizmente, permitiram reconstruir um consenso nacional muito alargado entre as forças parlamentares e aos diferentes níveis de governação.

A nova era de globalização que vivemos só pode acelerar os fluxos migratórios, pois, num mundo onde tudo circula, estranho seria que só o Homem não circulasse.

A liberdade de circulação é uma liberdade fundamental, que se impõe defender e que pode ser uma experiência muito enriquecedora na formação e na realização do próprio, assim como das sociedades de origem e acolhimento. Mas não podemos confundir a liberdade com a necessidade de partir.

A eclosão da crise internacional em 2008 e em particular as políticas de austeridade à chamada crise das dívidas soberanas, marcaram

um novo momento de inversão do papel de Portugal no circuito internacional das migrações. Deixámos de ser país de acolhimento, e vimos partir muitos dos imigrantes que tínhamos acolhido, para rapidamente voltarmos a ser país de origem de 350 000 emigrantes que deixaram o país em busca de trabalho.

Esta é a marca mais dolorosa destes quatro anos. Desde logo, para a autoestima nacional, destroçada pelo retrocesso evidenciado pelo número de emigrantes de 2013 só ter paralelo com o que sofremos em... 1965! Nunca alguém pensou que tal retrocesso seria possível. Depois, para as famílias, que veem partir os filhos em cuja educação investiram com tanto esforço e orgulho de lhes poder assegurar um futuro melhor. Por fim, para o país, que pela primeira vez dispunha de uma geração com níveis de qualificação que se aproximavam da média europeia e com que contava para se desenvolver com base no conhecimento e na inovação.

Há uma importante diferença qualitativa deste ciclo migratório face ao dos anos 60 e, por isso, mais dramático. Agora, o emigrante é mais jovem e mais qualificado. Portugal vive um ciclo migratório próprio dos países subdesenvolvidos, marcado por um verdadeiro *brain drain*, fuga de massa cinzenta, alimentada não só pelo desemprego, mas, sobretudo, pela generalizada precarização das relações de trabalho. Emprego digno, com qualidade e com futuro é condição essencial para inverter este ciclo.

As uniões monetárias não favorecem a convergência das economias, antes acentuam as suas assimetrias. Os mecanismos de ajustamento são a solidariedade orçamental e a circulação dos trabalhadores, migrando das economias que empobrecem para as que crescem.

O Eurostat mostra como a Zona Euro não é uma exceção e, não por acaso, a Alemanha é o centro de uma verdadeira “zona marca alargada” que muito vem beneficiando do euro, à custa das economias mais frágeis e periféricas. O ciclo migratório português

é acompanhado da emigração qualificada de espanhóis, italianos, gregos e, até, franceses. Na Zona Euro, sem capacidade orçamental própria e suficiente, a emigração é mesmo o único mecanismo de ajustamento.

Esta era, aliás, uma das razões que levavam muitos economistas americanos a descrerem da viabilidade do euro, pois duvidavam que numa união monetária de estados-nação com enorme diversidade cultural e linguística fosse possível o ajustamento migratório funcionar.

Paul Krugman, Nobel da economia, escrevendo precisamente sobre os números da emigração portuguesa, confessava a sua surpresa pela brutalidade do fluxo, diagnosticando Portugal ter entrado numa “espiral de morte económica”, pelo impacto demográfico deste movimento na renovação geracional e pela diminuição do potencial produtivo. De facto, a soma do desemprego com o desencorajamento e a emigração revela como a população ativa diminuiu mais de 20%!

Será esta a prova de que nas qualificações vivemos acima das nossas capacidades, tendo licenciados a mais, mestrados e doutorandos desnecessários, investigadores em excesso? Para quem se resigne a Portugal como um país pobre e sem futuro, por certo, pois nada mais nos resta do que procurar sobreviver competindo pelos baixos salários e pela precariedade.

Para quem entenda que só seremos competitivos, nesta era da globalização, com base no conhecimento e na inovação, então, estamos a sofrer um grave retrocesso. É o que penso e, por isso, considero prioritário virar a página, repor o conhecimento e a inovação no centro das políticas públicas e assumir que as reformas de que precisamos no mercado de trabalho são as que combatem a precariedade e apostam na criação de trabalho digno, com qualidade e futuro.

A melhor forma de aproximar as Universidades e Politécnicos

das empresas e garantir a transferência de conhecimentos é mesmo a inserção dos jovens licenciados nas empresas como fator de modernização. Aí devemos centrar as políticas ativas de emprego, como condição de fixar e atrair o talento que estamos a perder.

Todos os que partiram vão voltar? Por certo que não. E temos de ser inventivos, de aproveitar a rede desta nova diáspora para inserir Portugal nas redes globais do conhecimento e inovação. Este é também o caminho para construirmos mais confiança no nosso futuro coletivo.

Este estudo ajuda-nos a conhecer, a refletir e a agir. Pedro Teixeira, a trabalhar presentemente no Qatar, é um dos muitos qualificados jovens que veem Portugal a partir do Mundo. Presta, com esta obra, um relevante serviço à compreensão do nosso país – e à mobilização que dará sentido prático a essa compreensão.

António Costa

Secretário-Geral do Partido Socialista

RESUMO

Portugal deu um contributo decisivo para a globalização com a criação de novas rotas marítimas comerciais no Mundo e é difícil, senão mesmo impossível, admitir-se a possibilidade de um Mundo sem migrações, onde os emigrantes procurem melhores condições de vida. Não obstante esta realidade, Portugal, tal como outros países europeus, depara-se na segunda década do séc. XXI com um problema demográfico, agravado por um saldo migratório negativo, que põem em causa a sustentabilidade social e económica do país a médio e longo prazos.

O livro “Novo êxodo português – causas e soluções” pretende dar um contributo positivo para Portugal e é fruto do inconformismo, do trabalho de pesquisa e das reflexões do autor. O ensaio nasce na sequência da percepção de desnorte de um discurso político vago e confuso, sobretudo nos últimos anos, perante a real e assustadora vaga de emigração de centenas de milhares de portugueses, muitos dos quais jovens e qualificados, como consequência das políticas de austeridade implementadas, às quais se associam más governações em vários domínios, que têm resultado em elevadas taxas de desemprego, escassez de oportunidades dignas de realização pessoal e profissional e falta de perspectivas positivas para o futuro em Portugal.

O ensaio desenvolvido ocorre num contexto de empobrecimento generalizado, de êxodo massivo, sem precedentes nas últimas décadas, de portugueses para o estrangeiro, uma grave crise em Portugal

e na Zona Euro, elevadas dívidas pública e privada, elevada taxa de desemprego, fraco crescimento económico, privatização das principais empresas e bens públicos, assinaláveis casos de corrupção e significativo descrédito da política e dos políticos. A nível global, assiste-se a uma disputa de recursos e de poder, uma feroz concorrência, sucessivas crises e guerras, destruição do meio ambiente e, conseqüentemente, muita incerteza perante o futuro.

Existe na nossa sociedade um grande défice de informação não científica ou especializada, acessível ao público, sobre a recente vaga de emigração, quer em Portugal, quer na Europa, por ser um fenómeno relativamente recente. A maioria dos estudos e políticas existentes nas últimas duas décadas debruçam-se essencialmente sobre a integração de imigrantes nos países de destino ou sobre análises setoriais do fenómeno das migrações portuguesas.

Os principais objetivos deste ensaio são analisar o recente fenómeno migratório português numa perspetiva global e apresentar propostas políticas que contribuam para equilibrar o saldo migratório português, ou seja, potenciar o regresso de emigrantes a Portugal e diminuir o êxodo existente.

O presente ensaio contém um diagnóstico sobre a atual situação demográfica e migratória em Portugal, pretendendo promover uma análise mais ampla sobre estes fenómenos e se devem ou não ser contrariados.

O ensaio inclui também um questionário realizado pelo autor via Internet a emigrantes de nacionalidade portuguesa residentes em 25 países diferentes, nos cinco continentes, bem como a respetiva análise das respostas obtidas, num total de mais de 165 respostas validadas. As respostas ao questionário são relevantes por refletirem as opiniões reais dos emigrantes portugueses, e porque permitiram confirmar hipóteses colocadas pelo autor, validar o diagnóstico previamente realizado e melhorar as conclusões deste estudo.

Finalmente, é apresentado um conjunto de medidas concretas que poderão contribuir para o regresso de emigrantes a Portugal e, simultaneamente, criar condições para que se reduza o número de novos emigrantes.

Em resumo, pretende-se que o ensaio “Novo êxodo português – causas e soluções”, e as medidas políticas nele contidas possam ser desenvolvidas, enquadradas e implementadas pelos próximos Governos portugueses, contribuindo desta forma para a melhoria sustentada de Portugal.

O autor é emigrante no Qatar desde Agosto de 2012.

Palavras-chave: êxodo, migrações, demografia, saldo migratório, políticas, Portugal

1 - INTRODUÇÃO

1.1 Considerações gerais e enquadramento

Qual o futuro de um país que desperdiça a maior das suas riquezas, o capital humano? “Novo êxodo português – causas e soluções” é o nome deste ensaio que analisa a recente vaga de emigrantes da segunda década do século XXI, muitos deles jovens e qualificados, que saem de Portugal para se estabelecerem noutros países do Mundo, mas sobretudo na Europa, segundo as estatísticas. Este ensaio ambiciona analisar de forma contextualizada, pragmática, democrática e sem demagogia o que efetivamente pode ser feito para equilibrar o saldo migratório português.

Por definição, êxodo é o termo aplicado para definir a emigração ou saída de um povo ou uma multidão para se estabelecer num outro país ou região (*), estando este conceito fortemente relacionado com as migrações, um fenómeno natural, comum a muitos animais, incluindo aves, peixes e mamíferos, que se movem ou estabelecem noutras regiões ou climas por motivos relacionados com as necessidades alimentares ou reprodutivas.

(*) FONTE: [HTTP://ES.THEFREEDICTIONARY.COM/%C3%A9XODO](http://es.thefreedictionary.com/%C3%A9xodo)

As migrações humanas decorrem da tentativa de busca de maior bem-estar, segurança e melhores perspetivas de vida por parte dos

emigrantes, podendo ser categorizadas em dois grandes grupos, as migrações forçadas e as migrações laborais (**). O autor divide ainda as migrações laborais em dois subgrupos, conforme referido adiante, no ponto 2.4 - Tipos de migrações.

(**) FONTE: MIGRAÇÕES E CIDADANIA, GONÇALO SARAIVA MATIAS, FFMS, RELÓGIO D'ÁGUA EDITORES, MAIO 2014

As migrações humanas têm causas e consequências económicas, políticas e sociais relevantes. Veja-se, a título de exemplo, o que sucede com o Líbano, que acolheu um milhão de refugiados, fruto da guerra na vizinha Síria, correspondendo a um aumento de 25% da sua população em poucos anos, agravando os sérios problemas económicos e sociais já existentes. Por outro lado, por exemplo o Qatar, o país mais rico do Mundo *per capita* nos últimos anos, com USD 105 091,42 de rendimento anual *per capita* em 2013 (***), beneficiando das suas generosas reservas de gás natural e petróleo e com a sua ambiciosa estratégia de desenvolvimento “Qatar Vision 2030”, consegue ter crescimentos populacionais organizados de mais de 10% por ano, sendo que apenas cerca de 12% da população são Qataris.

(***) FONTE: GLOBAL FINANCE, [HTTPS://WWW.GFMAG.COM/GLOBAL-DATA/ECONOMIC-DATA/RICHEST-COUNTRIES-IN-THE-WORLD](https://www.gfmag.com/global-data/economic-data/richest-countries-in-the-world)

Analisando a questão das migrações humanas do ponto de vista nacional, Portugal, enquanto Estado-Nação, tem um número assinalável de emigrantes desde a época dos descobrimentos portugueses do século XV, mas há registos com mais de 20 mil anos no Parque Arqueológico do Vale do Côa, património mundial – UNESCO 1998 (*), sob a forma de gravuras rupestres paleolíticas produzidas por nómadas que se deslocavam de terra em terra. Este património único está adequadamente preservado e merece ser visitado por todos, num reencontro com as origens do Homem e a sua ligação com a natureza, potenciada com o interessante e premiado Museu

6 – BIBLIOGRAFIA

1. (*) Fonte: <http://es.thefreedictionary.com/%c3%a9xodo>
2. (**) Fonte: *Migrações e cidadania*, Gonçalo Saraiva Matias, FFMS, Relógio D'Água Editores, maio 2014
3. (***) Fonte: *Global Finance*, <https://www.gfmag.com/global-data/economic-data/richest-countries-in-the-world>
4. (*) www.arte-coa.pt
5. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/descobrimientos_portugueses#/media/file:Descobrimentos_e_explora%C3%A7%C3%B5es_portuguesesv2.Png
6. Fonte: Araújo, E., Fontes, M. & Bento, S. (Eds.) (2013), *Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros*
7. Fonte: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29798/1/EA_FF_ebook_fuga_cerebros.pdf
8. Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/elisabethm/geo10/index9.htm>
9. (*) Fonte: Pires, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo e Ana Cristina Ribeiro (2014), *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014*, Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL, e DGACCP
10. Fonte: Tese “Os direitos do estrangeiro – respeitar os direitos do homem” de Alexandra Chicharro das Neves, de dezembro de 2011, edição a cargo do ACIDI.

11. (**) Fonte: *Estimativas de População Residente em Portugal*, 2014, INE, 16-06-2015

12. (*) Fonte: *Estimativas de População Residente em Portugal*, 2014, INE, 16-06-2015

13. Fonte: <https://www.washingtonpost.com/news/world-views/wp/2015/07/08/tunisia-plans-to-build-a-really-long-wall-to-keep-out-terrorists/>, 08-07-2015

14. (*)Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas 2011*, Edição 2013, Estatísticas oficiais, págs. 20 e 22, disponíveis em <http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=3609,2015-05-13>

15. Fontes: *Estimativas de População Residente em Portugal* – 2013, de 16 de junho de 2014

Estimativas de População Residente em Portugal, 2014, INE, 16-06-2015

16. Fontes: INE, *Estatísticas Demográficas 2011*, Edição 2013, *Estatísticas Oficiais*, disponíveis em <http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=news&file=article&sid=3609>, a 2015-05-13, pagina 21.

17. Fontes: <http://www.pordata.pt/portugal/saldos+populacionais+anuais+total++natural+e+migrat%3%b3rio-657>, data: 28-05-2015.

18. Fonte: INE - *Projeções de População Residente 2012-2060*, de 28-03-2014

19. Fontes: http://visao.sapo.pt/como-vai-ser-portugal-no-futuro=f812307?utm_content=2015-03-06&utm_campaign=newsletter&utm_source=newsletter&utm_medium=mail; data: 15-05-2014

20. Fonte: *Human Development Report Office, A Guidance Note for Human Development Report Teams, Mmobility and Migration*, United Nations Development Plan, November 2010.

21. www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/environment-energy/climate_change/integrating_climatechangeinto-development/hdro-mobility-and-migration.html

22. (*) Fonte: *Migrações e Cidadania*, Gonçalo Saraiva Matias, FFMS, Relógio D' Água Editores, Maio 2014

23. (*) Fonte: *Para um Debate sobre Mobilidade e Fuga de cérebros*, Emília Araújo, Margarida

24. Fontes e Sofia Bento, 2013, www.cecs.uminho.pt, página 61.

25. (*) Fontes de dados: INE - *Inquérito aos Movimentos Migratórios de saída (1992 a 2007) | Estimativas Anuais de Emigração (a partir de 2008)*

26. Fonte: PORDATA, 26-06-2015

27. (**) Fonte: Pires, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo e Ana Cristina Ribeiro (2014), *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014*, Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL, e DGACCP

28. Fonte: Pires (2014). Cálculo do autor com base em valores de United Nations, Department of Economic and Social Affairs, 2012, Trends in International Migrant Stock: Migrants by Destination and Origin, United Nations database, POP/DB/MIG/Stock/Rev.2012).

29. (*) Fontes de dados: INE - *Inquérito aos movimentos migratórios de saída (1992 a 2007) | Estimativas Anuais de Emigração (a partir de 2008)*

30. Fonte: PORDATA, 26-06-2015

31. Fontes: INE, Destaque: A população jovem em Portugal diminuiu em quase meio milhão de pessoas, 11 de agosto de 2014

32. <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/portugal-perdeu-quase-meio-milhao-de-jovens-na-ultima-decada-1666087?Page=-1> data 11-08-2014

NOVO ÊXODO PORTUGUÊS

CAUSAS E SOLUÇÕES

“O livro NOVO ÊXODO PORTUGUES - CAUSAS E SOLUCOES é uma boa ferramenta para se entender o recente fenómeno migratório em Portugal e nos países fortemente afetados pela crise de 2008.”

Engenheiro António Guterres

Alto Comissário das Nações Unidas
para os Refugiados

“Entre as causas da emigração, que hoje aflige a Europa, ao mesmo tempo pelos que partem, e pelos que pretendem vir nela encontrar segurança e futuro, tem de salientar-se o mau governo da globalidade que atingiu a casa comum dos homens, que é a Terra. No caso português, de que este livro trata, os efeitos colaterais são já inquietantes.”

Professor Adriano Moreira

Apoio:



www.vidaeconomica.pt
livraria.vidaeconomica.pt

ISBN: 978-989-768-165-3

